

Comentários e reacções: opinio@diariocoimbra.pt

Opinião

HUMANIDADE



PEDRO LOPES
PRESIDENTE DO
CONSELHO DE
ENFERMAGEM DA
SECÇÃO REGIO-
NAL DO CENTRO
DA ORDEM DOS
ENFERMEIROS

Como sentimento de benevolência para com os outros, a humanidade deve estar presente em cada um de nós, mas, em especial, nos enfermeiros.

Sendo nós os profissionais de excelência que cuidam dos outros temos que ter na nossa natureza (humana e profissional) humanidade.

Partindo desta assunção, sabemos que os nossos conhecimentos científicos, técnicos, e, indubitavelmente, humanos, são necessários, quer para os nossos cidadãos, quer para qualquer pessoa, em qualquer parte do mundo.

Assim, e atendendo ao flagelo humanitário que está a ser vivido na Ucrânia, e nos países que com ela fazem fronteira, só me posso orgulhar de uma colega – Ana Paula Morais – que, há dias, partiu para integrar uma equipa de apoio aos refugiados na cidade de Lublin, Polónia.

Família e amigos ficam em segundo plano, tal como ficou em muitos períodos críticos da Pandemia, porque a missão de um Enfermeiro se eleva quando os mais fragilizados, os mais incapazes, os mais necessitados e os mais doentes deles precisam.

De igual modo, Hugo Correia embarcou numa aventura não menos importante – uma missão humanitária na Guiné-Bissau. Esta é a sua primeira vez junto da Associação Bisturi Humanitário que, desde 2019, apela ao esforço colectivo de médicos e enfermeiros que, no hospital da capital do país - Hospital Nacional Simão Mendes – se dedicam a formar os profissionais de saúde que lá exercem e realizam o maior número possível de cirurgias urgentes.

Além disso, a vertente solidária destas missões permite o contacto com as populações desfavorecidas, a quem muito falta, há muitos anos. Para estas crianças, adolescentes e adultos, repetidamente privados de qualquer acesso a educação ou cuidados de saúde, os holofotes da comunicação social continuam apagados. Contudo, o empenho e trabalho que aqui deve e merece ser feito não é menor do que aquele que temos visto, dia a dia, no território ucraniano.

Independentemente de conhecer estes dois enfermeiros e independentemente do destino em que se encontram, há pontos comuns que têm que ser valorizados. Em primeiro, a coragem. Coragem para sair das suas bolhas de conforto e segurança familiar, coragem para enfrentarem o desconhecido. Em segundo, orgulho. Orgulho de serem Enfermeiros, de representarem a Enfermagem nacional, de representarem cada um dos portugueses e de serem pessoas com enorme humanidade. Em terceiro, respeito. Respeito por todas as fraquezas e medos que possam sentir porque, como qualquer ser humano, o que estão a viver é único e pode, a qualquer momento, tornar-se inesperado.

Por eles, por todos os Enfermeiros, profissionais de saúde e cidadãos comuns que já se voluntariam e continuam a voluntariar, qualquer que seja a causa, os meus parabéns pela vossa enorme Humanidade.

Porém, não posso deixar de parabenizar os restantes colegas que aqui, no nosso país, de forma voluntária ou não, continuam a ser o mais humanos possível, continuam a dar o melhor de si para cuidar das pessoas, sem, recorrentemente, terem direito a uma palavra de reconhecimento por parte dos seus pares, dos seus superiores, do seu Ministério.

A Ordem dos Enfermeiros, enquanto vossa representante, tudo fará para que essa palavra seja sempre pronunciada, aqui, no nosso país, ou fora dele, porque todos merecem um mínimo de humanidade. ◀